



4750 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT02 - História da Educação

Virando as páginas: entre imagens e representações do feminino de ensino superior no *Jornal das Moças*
Priscila Dieguez Alves Batista - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Virando as páginas: entre imagens e representações do feminino de ensino superior no *Jornal das Moças*

Resumo

O presente trabalho tem por referência a pesquisa de mestrado em educação, cujo objetivo foi o de investigar a presença de mulheres formadas ou estudantes de ensino superior no período dos *Anos Dourados*, tendo como foco de análise as representações sobre elas contidas no *Jornal das Moças*, utilizando como referência os estudos de Roger Chartier. O recorte temporal, mais especificamente, comporta o espaço entre os anos de 1956 - início do governo de Juscelino Kubitschek, e 1961, ano de promulgação da LDBEN nº 4.024. Apoiando-se em autores como Gomes (2002), Pinsky (2014), Buitoni (2009) e Marinho (2016), a metodologia de pesquisa consistiu na leitura do periódico buscando informações, numa perspectiva relacional de gênero, direcionando o olhar para homens e mulheres, visando perceber como a revista os retratava nesse nível de ensino no período histórico da investigação.

Palavras-chave: Representações, ensino superior e *Jornal das Moças*.

Introdução

O presente trabalho tem por referência a pesquisa de mestrado em educação, que investigou a presença de estudantes universitárias ou formadas na segunda metade da década de 1950, período no qual a sociedade estava vivendo um momento de euforia econômica, política e social, influenciando o debate pela elaboração de uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação até a sua promulgação, ousando-se afirmar que este teria sido o “auge” dos Anos Dourados no Brasil, período compreendido entre os anos de 1945- 1964.

Mais especificamente, o recorte temporal da investigação é marcado inicialmente pela posse do presidente Juscelino Kubitschek, em 1956, e pelo último ano de exemplares da revista disponíveis para consulta no acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 1961. Esse ano ainda é significativo pela instituição da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 4.024/61, um marco para a educação brasileira, pois esta legislação pioneira, entre outras coisas, também definiu parâmetros referentes ao ensino superior.

Como parte do processo de formação acadêmica em construção, aprofundando e ampliando as análises iniciadas durante a graduação, acredita-se que o ensino superior mereça mais pesquisa no campo da História da Educação, o estudo se articula a pesquisa mais ampla sobre ensino superior e educação feminina e, mais especificamente, sobre a participação da figura feminina nesse nível de ensino.

Considerando o exposto, o foco da investigação está na análise das representações sobre as mulheres contidas no periódico *Jornal das Moças* - uma revista destinada ao público feminino que esteve em circulação na primeira metade do século XX. Balizada pelo conceito de representação sistematizado e trazido por Roger Chartier (2002), investiga a presença feminina de nível superior nas publicações do impresso, onde foi possível observar uma narrativa de construção de papéis sociais para homens e mulheres, além da divulgação de notícias a respeito delas na educação superior.

A principal fonte selecionada para estudo - a revista *Jornal das Moças*, encontra-se digitalizada e disponível para consulta online no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional [\[1\]](#).

Promovendo a pesquisa, a cada página virada, o encontro com imagens de mulheres de ensino superior, em formação, concluintes ou atuando profissionalmente, foi possível também notar homens sendo representados pela revista, tendo em vista que o masculino de ensino superior se fez presente.

Na medida em que os homens também fizeram parte dessas imagens, na perspectiva relacional, as contribuições de Suely Gomes da Costa (2003), ao trazer “a noção de que as relações de sexos são relações sociais” (COSTA, 2003, p.187), provocaram reflexões a respeito das representações do masculino nesse nível de ensino, apresentadas e construídas pela revista. Alinhando homens e mulheres na mesma perspectiva, a autora define relações de um com o outro, de forma dialética, visto que “lidar com experiências masculinas e femininas em separado leva à noção de cultura masculina e feminina” (COSTA, 2003, p. 202). Buscando superar essa forma de pensamento dual, como se existissem dois lados e duas culturas, deve-se pensar que as experiências, feminina e masculina, se completam, se juntam, respeitando as especificidades de cada indivíduo e contexto, sendo que “o importante é torná-los, sempre, em sua mobilidade,

pluralidade, conflitos e complementaridade, sem anular, nessa abordagem, as marcas das hierarquias, da violência e da desigualdade” (COSTA, 2003, p. 202).

Os objetivos do trabalho são fruto da problemática, envolvendo a entrada recente de mulheres nesse nível de ensino e a demanda por mais estudos sobre essa temática, considerando que o espaço universitário, na sociedade brasileira no período de investigação, ainda era entendido como um território eminentemente masculino, conforme pode ser visualizado na revista.

Partindo das seguintes questões: Qual a estrutura da revista *Jornal das Moças*? Em quais seções da revista podemos encontrar alusões às mulheres universitárias ou formadas? Como eram representadas as mulheres do ensino superior pela linha editorial da revista?, o texto se estrutura da seguinte forma: Introdução, seguida da caracterização da revista em *Virando as páginas: as linhas da revista Jornal das Moças*, que ao fazer uma leitura desde a capa, passando pelas matérias, destaca os elementos que influenciam as imagens publicadas na revista. Essas imagens foram apresentadas e analisadas em *Entre imagens e representações: tirando o véu dos brotos nos Anos Dourados*, onde são mostradas algumas representações de mulheres estudantes ou formadas no ensino superior, dando origem a conclusão, ainda que em linhas gerais, do estudo empreendido.

Virando as páginas: as linhas da revista *Jornal das Moças*

O *Jornal das Moças* foi, inicialmente, uma revista quinzenal de grande circulação durante a primeira metade do século XX. Sua primeira edição foi em 21 de maio de 1914, sendo que a data de publicação de seu último exemplar ainda não foi confirmada.

Passando a ser um semanário a partir do seu segundo ano de existência, caracteriza-se por ser um impresso de circulação nacional produzido na então capital do país, o Distrito Federal, sendo vendida também em outros estados do Brasil, como também nas Américas e na Europa, no auge de sua publicação, como mostravam seus expedientes.

Observando-se seu conteúdo, tendo como ponto de partida as capas da revista, viramos suas páginas, a fim de caracterizar o que há em suas linhas, no que concerne ao seu conteúdo, diagramação e estratégias de escrita, acreditando nas palavras de Roger Chartier ao afirmar que “(...) nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até o seu leitor” (CHARTIER, 1992, p.220).

Por ser “a primeira impressão que fica” ao leitor, a capa de uma revista se constitui na forma mais eficaz de chamar sua atenção. Ao serem impressas em papel que realçava o brilho das cores, as capas do *Jornal das Moças* se apresentavam como chamariz, um convite ao olhar. Sedutoras, eram compostas por fotos de modelos em trajés elegantes, que contavam com sua descrição detalhada dentro da revista, fazendo referência a estilistas estrangeiros, majoritariamente americanos.

Tecendo reflexões sobre *Mulheres em Revista*, Tânia Regina de Luca (2013) destaca em sua análise, como prática comum às revistas femininas, o fato delas organizarem os assuntos “a partir da perspectiva, opinião e gosto masculinos, uma vez que é esse o personagem que comanda todo o enredo” (LUCA, 2013, p. 459), estabelecendo a relação de que o homem tinha as rédeas a respeito do que, como e quando seria publicado da, na e para as mulheres, ao girar “em torno de temas mais perenes, não submetidos à premência do tempo curto do acontecimento” (LUCA, 2013, p.488).

Continuando seu fio condutor analítico, a autora aponta outros aspectos importantes, em relação a forma como se esses impressos se apresentam ao público, ressaltando suas características peculiares.

Atraentes e diversificadas, as revistas são procuradas e apreciadas por propiciarem momentos de entretenimento e prazer, bem conhecidos por quem folheia a publicação colorida, com imagens bem cuidadas e que abordam questões do cotidiano, de maneira leve e interessante. Dentre as marcas distintivas desse gênero de impresso está a linguagem que se particulariza por um tom coloquial, de alguém próximo e que aconselha, ampara, aplaca angústias, resolve dúvidas, sugere, fazendo as vezes de uma amiga e companheira à qual sempre se pode recorrer (LUCA, 2013, p. 448)

No caso do *Jornal das Moças*, nota-se a presença de alguns traços indicados pela fala de Luca (2013) em seu conteúdo, como por exemplo, a presença masculina em sua linha editorial, composta predominantemente por homens. Uma das características marcantes dessa linha editorial era acentuar o caráter familiar da revista ao longo de suas publicações, como por exemplo, em seu Expediente de 05 de janeiro de 1956, se auto identifica como: “A revista de maior penetração do lar”.

Em seus estudos específicos sobre esse periódico, no período dos *Anos Dourados*, Carla Bassanezi Pinsky (2014) caracteriza suas leitoras com “faixas etárias, graus de escolaridade e poder aquisitivo variados. Porém, a revista passa pelas mãos de toda família; homens e crianças também a lêem” (PINSKY, 2014, p.24), acentuando o caráter familiar do impresso.

Para alcançar seu objetivo e conquistar o leitor, o apelo visual contava com muitas propagandas e imagens, tentando assim abranger, majoritariamente, os mais variados âmbitos da vida das mulheres, sendo seu interior repleto de ilustrações, com foco na figura feminina, ainda que pensado e estruturado por homens.

Se o apelo visual pretendia ser atraente, seus conteúdos deveriam ser pertinentes e apropriados ao “universo” feminino, abordando assuntos ligados às mulheres no lar, na família e na sociedade. Estruturada com algumas colunas fixas, e outras colunas eventuais, a revista objetivava trazer a maior quantidade de informações “úteis” possíveis, em linguagem acessível, de forma que qualquer um dos membros da família pudesse folheá-la. Matérias que misturavam interesse geral e notícias de artistas recheavam a revista que chegou a contar com 90 páginas, em 1956.

Nas colunas fixas, as matérias giravam em torno, basicamente, de três temáticas: cinema, rádio e moda, e de seus respectivos “mundos”, sendo o uso da expressão “mundo” o meio de definir os personagens, o espaço de atuação e a indumentária que compõem um tema. Dialogando entre si, esses três temas iam criando representações através de imagens, relacionadas com o papel da mulher definido pela linha editorial da revista.

Nos contos publicados, desenrolavam-se enredos envolvendo o enlace amoroso, atribuindo papéis e funções sociais aos personagens de homens e mulheres, sendo alguns de seus protagonistas ou mesmo coadjuvantes, estudantes ou formados em cursos universitários. Nessas narrativas destacava-se a forma como o casal protagonista se relacionava, de acordo com a profissão exercida por cada um que o compõe.

A ênfase na mulher fez “nascer” um suplemento a revista em 1930 – o *Jornal da Mulher*, baseado no “mundo da moda” contendo roupas assinadas por estilistas estrangeiros, moldes e desenhos com as últimas tendências em matéria de roupa. Ao longo do tempo, além de bordados e figurinos, esse Suplemento passou a contar com pequenas colunas fixas e pontuais, e também artigos. Dentre as colunas fixas do suplemento, a coluna *Feminismo a Varejo*, surgida no final da década de 1950, se destacava ao trazer notícias internacionais, bem como os feitos de mulheres pelo mundo.

Essa coluna é digna de nota, pois mesmo ficando entre as fotos das modelos de roupa, configurou-se como uma fonte de notícias sobre a mulher e seu papel nas universidades ao redor do mundo, sendo significativo o fato deste espaço ser dirigido por uma mulher. Diretora chefe do *Jornal da Mulher* por quase trinta anos, Yara Sylvia fora também articulista da revista e escreveu alguns artigos e colunas ao longo do período em que permaneceu na linha editorial.

Apoiando-se no caráter familiar e tendo como foco a figura feminina, buscando atribuir um papel a elas no lar e na sociedade, o *Jornal das Moças* publicava edições e números especiais, como do *Dia das Mães* e das *Noivas*. Essas edições eram bastante semelhantes aos seus números ordinários, sendo incrementadas com reportagens, textos e fotos referentes ao tema específico de cada edição. A quantidade de páginas a mais e de colunas extras funcionavam, em grande medida, como uma estratégia para aumentar o preço da revista e tentar incrementar suas vendas, já que o custo para sua produção era maior. Os anúncios dessas edições ocupavam as páginas da revista nas semanas anteriores ao seu lançamento, de forma a criar uma expectativa nas leitoras.

Dependendo do financiamento dos seus patrocinadores e anunciantes para se manter “entre as revistas mais lidas no Brasil”, trazia em suas páginas propagandas dos mais variados serviços e produtos: suas edições especiais, produtos de beleza, cerveja, programas de rádio e televisão, entre outros, arriscando-se afirmar que a propaganda era a “alma” do periódico.

Em sua pesquisa sobre a imprensa no século XX, Dulcília Schroeder Buitoni (2009) destaca que na década de 1950 a imprensa brasileira estava se industrializando, refletindo diretamente nos periódicos. Isso intensificava a ligação entre as revistas femininas e o consumo, passível de ser visto nas páginas da revista, principalmente nos itens ligados aos produtos específicos para o esse público, dando a perceber que o consumo era incentivado através de propagandas de produtos de beleza.

Direcionando a mulher para cumprir seu papel no lar, na família e na sociedade, casando e cuidando da aparência física, a fim de manter sua pele jovem, bonita e saudável, à custa de produtos de beleza, devendo ser, também, educada e demonstrar inteligência, sem, contudo, fazer alarde dessa condição, o *Jornal das Moças* trazia e construía representações do feminino.

Em meio a representações do feminino dos *Anos Dourados*, vimos mulheres, e também homens, cursando ou formados em alguns cursos de ensino superior retratados na revista.

Entre imagens e representações: tirando o véu dos brotos nos *Anos Dourados*

A leitura do *Jornal das Moças* passa irremediavelmente pela época em que ele se situava. O autor britânico Erik Hobsbawm (1995) caracteriza o período compreendido entre os anos de 1946 e 1964 de “Era de Ouro”, afirmando que ela “pertenceu essencialmente aos países capitalistas desenvolvidos” (HOBBSAWM, 1995, p.255). A expressão “Era de Ouro” acompanha toda análise desenvolvida por esse autor, a respeito desse período, destacando ainda que “a supremacia americana era, claro, um fato” (HOBBSAWM, 1995, p.269).

A presença americana se fazia notar páginas e reportagens da revista *Jornal das Moças*, bem como nos contos, visto que alguns deles possuíam os direitos de publicação adquiridos nos Estados Unidos, mostrando para sociedade brasileira representações daquela sociedade.

Utilizando-se o conceito de representação enquanto ferramenta de análise, baseado nos estudos de Roger Chartier (2002), que caracteriza representação como “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através de sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstruir em memória e de o figurar como ele o é”, analisa-se o que fora retratado na revista “como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado.” (CHARTIER, 2002, p. 20).

Apoiando-se no que diz Chartier (2002), e pensando sobre a construção das representações do feminino de ensino superior contidas na revista, observa-se no suplemento *Jornal da Mulher* cinco notas e uma matéria mencionando os feitos das mulheres no ensino superior pelo mundo, sendo que todos eles ocorreram no Hemisfério Norte, ou nas palavras de Hobsbawm (1995) nos países desenvolvidos. Assim, o leitor da revista podia ter conhecimento do que acontecia, por exemplo, na Europa, lendo notas a respeito da Suíça e da Suécia, e também na América do Norte, por meio das conquistas femininas nos Estados Unidos.

Desse grupo de notas, destacou-se um fragmento daquela publicada na coluna *Feminismo a Varejo*, em primeiro de janeiro de 1959, por se tratar da presença feminina na área de pesquisa acadêmica em uma universidade estadunidense.

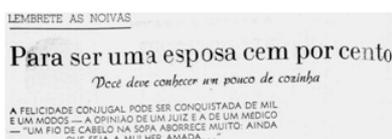
JÁ PUBLICOU MAIS DE 50
VOLUMES SOBRE BOTÂNICA .

A sra. Agnes Chase, de Washington, de 89 anos de idade, foi agraciada com o diploma de “doutor honoris causa”, pela Universidade de Illinois, graças aos seus trabalhos no campo da ciência e pesquisas no domínio da botânica. Aliás, a sra. Chase é conhecida no mundo inteiro como uma das maiores especialistas no domínio das mais diversas ervas.

A Universidade de Illinois concedeu a Sra. Agnes Chase o diploma de “doutor honoris” devido “aos seus trabalhos no campo da ciência e pesquisas no domínio da botânica”. Aos 89 anos, Chase é mundialmente conhecida “como uma das maiores especialistas no domínio das mais diversas ervas”, justificando o título adquirido.

Desta forma, nota-se que o suplemento *Jornal da Mulher*, por meio das notas publicadas em suas colunas a respeito do feminino na educação superior, apresentou-se como lugar da mulher estrangeira “na sala de aula” do ensino superior, dentro do *Jornal das Moças*. Havia, também, outro lugar para essa mulher nessa revista, onde imagens do feminino e do masculino de ensino superior podiam ser “vistas”.

No *Especial de Noivas*, de 27 de setembro de 1958, na matéria *Para ser uma esposa cem por cento*, publicada na coluna *Lembrete às Noivas*, foi encontrada a fala de dois homens formados no ensino superior a respeito da conduta tida por eles como “ideal” no casamento.



Um “lembrete às noivas” era dado nesta matéria, associando “uma esposa cem por cento” com seus dotes culinários, avisando a elas que era preciso “conhecer um pouco de cozinha”. Respalhando a argumentação estabelecida pela coluna, no que diz respeito a questão da felicidade conjugal, estava “a opinião de um juiz e a de um médico”.

Cada qual defendendo seu ponto de vista de acordo com sua área de conhecimento e atuação; o advogado atribuía a felicidade conjugal ao casal, e o médico, por sua vez, a habilidade da esposa em cozinhar. Por fim, “batendo o martelo” sobre o assunto, o *Jornal das Moças* se posicionou a favor do médico francês, colocando a responsabilidade da felicidade do casamento nas mulheres.

Retratando algumas tramas amorosas protagonizadas por estudantes e/ou profissionais das áreas de medicina, direito, engenharia, odontologia e filosofia, os contos comportavam representações do ensino superior no Brasil e em outros países.

Essas representações atribuíam condutas determinadas para mulheres e homens, como podemos ver no conto *Renúncia*, sem autoria identificada, publicado em 10 de setembro de 1959.

is tive medo da solidão. Deixei meu emprego de enfermeira que era nobre para ser esposa de um médico. Tive durante anos um marido exemplar.

Cristina, a protagonista deste conto, deixou o “emprego de enfermeira que era nobre para ser esposa de um médico”, parecendo indicar que apesar de ter um trabalho reconhecido e importante, ser esposa de um médico poderia ser considerado algo “melhor”, e como recompensa pela renúncia a carreira, durante anos teve “um marido exemplar”.

Casar-se com um médico parece, então, uma forma de ascender socialmente, na medida em que a profissão era reconhecida pela boa reputação, e tornar-se esposa de um médico atestaria a escolha acertada da moça.

A relação entre os sexos parecia ser delimitada pelos papéis sociais que ambos ocupavam dentro da sociedade: ao médico era atribuída a imagem do ser incansável apto a salvar vidas, conforme indicavam as representações contidas nos contos, reconhecido socialmente, devendo casar-se com uma mulher que se dedicasse a ele integralmente; ao passo que a mulher deveria abrir mão de sua carreira.

Mostrando também jovens estudantes universitários inconseqüentes e que ainda não percebiam o valor do seu futuro diploma, essas narrativas iam construindo representações de que a época da universidade era um período da vida destinada a aproveitar – aproveitar para se divertir, aproveitar para escolher um amor ou aproveitar para mudar de idéia em relação à sua futura profissão.

Mesmo sendo perceptível a presença estrangeira nas publicações, tendo em vista, por exemplo, a ausência de notas no suplemento *Jornal da Mulher* a respeito da inserção feminina no ensino superior brasileiro, em algumas narrativas a autoria nacional constrói representações acerca desta modalidade de ensino. Neste sentido, é importante lembrar que no Brasil dos Anos Dourados, mais especificamente no recorte temporal dessa pesquisa, a figura de Juscelino Kubitschek de Oliveira, o Presidente da República, no período de 1956 e 1960, era imperativa.

Para historiadora Ângela de Castro Gomes (2002) havia “sem dúvida uma grande figura: o presidente Juscelino Kubitschek. Os ‘anos dourados’ foram, portanto, basicamente os anos do governo JK” (GOMES, 2002, p. 11). Justificando a associação do período “dourado” da sociedade brasileira à figura do presidente, ela baseia-se no fato de que “o Brasil cresceu muito, e a proposta de que o desenvolvimento econômico caminhasse junto com o desenvolvimento político acabou por associar Brasil ‘moderno’ a Brasil ‘democrático’” (GOMES, 2002, p. 12), criando assim o mito dos “bons tempos” JK.

Segundo Gomes (2002), a criação desse mito dos “bons tempos” deu-se por alguns fatores. O primeiro deles diz respeito a associação do presidente à imagens simpáticas a população em geral, como, por exemplo, as alcunhas “presidente bossa nova” e “presidente peixe-vivo”. Consolidando a sua imagem como um homem arrojado, empreendedor e sonhador, emprestou seu nome a um carro, o JK, consagrando uma das suas principais metas de governo à sua figura pública. Aliado a isso, a autora aponta que “foi Juscelino quem melhor soube mobilizar a esperança como recurso do poder, combinando desenvolvimento econômico com democracia política na história do país e na memória popular” (GOMES, 2002, p.16). Desta forma é possível afirmar que a origem desses “bons tempos” nos remete a impressão de superação da condição de “atraso” brasileiro, fazendo com que o passado fosse visto, sob a ótica de um “sonho”, trazendo o sentimento de nostalgia de um momento em que tudo deu certo.

A revista *Jornal das Moças*, não se furtou a retratar a sociedade brasileira envolta sob essa áurea de “sonho” e prosperidade, visto que em suas ilustrações, propagandas, reportagens e narrativas transparecem ao leitor a idéia de otimismo; trazendo, inclusive, referências a Juscelino, mesmo que de forma esparsa.

No panorama do ensino superior, o Brasil se mostrava arcaico e enrijecido em termos legislativos. Calcado em leis orgânicas datadas da década de 1940, urgia a criação de uma legislação que abrangesse o ensino em todas as suas modalidades, trazendo uma diretriz, buscando findar as desigualdades regionais e o controle da oferta educacional.

Fruto de intenso debate, dentre as muitas tramitações do projeto, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 4.024/61, é finalmente sancionada em 20 de dezembro de 1961.

Em seu estudo *Mulheres educadas e a educação das mulheres*, Fúlvia Rosemberg (2013) demonstra que apesar do acesso das mulheres à educação ter sido autorizado em “1827 pela Lei Geral do Ensino de 5 de outubro, mas restrita apenas às escolas femininas de primeiras letras, a educação de mulheres só conseguiu romper as últimas barreiras legais em 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)” (ROSEMBERG, 2013, p.334), de nº 5.692, quando o curso normal passou a ser equivalente ao curso secundário, permitindo que as normalistas ingressassem no ensino superior.

É digno de nota lembrar que no Brasil, “o direito de as mulheres estudarem em instituições de ensino superior só é garantido em 1879, com a Reforma Leôncio de Carvalho, que regulamentou a Instrução Primária e Secundária na capital do Império e o ensino superior no país” (MARINHO, 2016, p. 219).

Voltando a folhear as páginas da revista *Jornal das Moças*, falando-se do ensino superior brasileiro, somadas aos contos, as evidências femininas se encontravam em reportagens, notas e fotos a respeito das mulheres exercendo a profissão escolhida ou de formaturas.

Nas fotos de formatura, fica patente o número reduzido de mulheres concluintes, como vemos na matéria *Uma homenagem aos que estudam*, publicada em 26 de janeiro de 1956. Noticiando a conclusão do curso de Direito, a revista não se furta em eternizar esse momento, ao registrar com um *click*, as formandas, em número reduzido, e os formandos como se pode visualizar abaixo.



Formatura do Curso de Direito no Rio de Janeiro. *Jornal das Moças*, exemplar nº. 2019, de 26 de janeiro de 1956. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Conclusão

Refletindo-se sobre a fonte, o periódico/revista *Jornal das Moças*, é certo que ele atribuía um papel para mulher no lar, na família e na sociedade. Entretanto, por mais que a revista defendesse um conjunto de valores que demarcava um papel específico para a mulher, é possível perceber que havia espaço para publicar referências sobre essa mulher cursando e concluindo o ensino superior, mesmo que de forma latente ou tímida, caracterizando um “avanço”.

O espaço da mulher na sala de aula estava sendo alcançado, conforme nos mostraram as representações, seja como aluna ou pesquisadora, mesmo que algumas vezes tivesse que abrir mão de sua carreira profissional para cuidar do marido.

Desta forma, apesar do tardio ingresso no ensino superior, podemos inferir que mesmo de forma tímida, as imagens e representações de mulheres universitárias, se formando ou exercendo a profissão na segunda metade da década de 1950 divulgadas na revista, indicam que elas caminhavam na conquista de um lugar nessa modalidade de ensino de forma definitiva, e que a luta por equidade de gênero no meio acadêmico estava em processo de construção.

Referências

BITTONI, D. H. S. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.

COSTA, S. G. C. Gênero e história. In: ABREU, Martha; SOIHT, Rachel (orgs). *Ensino de História; conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Faperj, 2003. p. 187-208.

CHARTIER, R. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, L. A nova história cultural. Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *A história cultural entre práticas e representações*. 2ª edição, Difel – Difusão Editorial, Portugal: 2002.

GOMES, A. de C. (org) *O Brasil de JK*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGC, 2002.

HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LUCA, T. R. de. Mulheres em revista. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

MARINHO, Náilda. A engenheira militante feminista Carmem Portinho: a atuação na União Universitária Feminina. In: GASPARELLO, Arlete. M. e VILLELA, Heloisa de O. S. *Educação na História: intelectuais, saberes e ações instituintes*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016, p. 215-231.

PINSKY, C. B. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

ROSEMBERG, F. Mulheres educadas e educação das mulheres. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

[i] Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>.